



EDITORIAL





DOIS MODELOS DE UNIVERSIDADES EM UM SÓ BRASIL

Se analisarmos certas decisões inerentes a alguns processos da revalidação / reconhecimento de títulos estrangeiros no Brasil, poderemos imaginar que existam no país dois modelos de academias.

Um modelo é daquela academia influenciada por certos doutores, conservadores, corporativistas, defensores de uma nociva reserva de mercado acadêmico no Brasil, e que acham que são mais competentes do que qualquer outro mestre ou doutor formado no exterior. Esse modelo de universidade geralmente tem em seus quadros doutores que para se titularem se valeram dos recursos públicos fantasiados dos mais absurdos tributos, pagos pelo parco dinheiro do cidadão comum.

Levaram, não raras vezes, até seis anos para concluir um doutorado, cuja tese, também não raramente, carece de qualquer relevância social ou científica, para algum segmento da sociedade ou para o país. Essa é a academia da arrogância, contaminada pelo mofo do conservadorismo e corroída pela vaidade de alguns doutores, que nela se suportam apoiados em carcomidos pedestais, olhando para àqueles outros que buscam a revalidação de um título estrangeiro com o olhar de desprezo do qual eles próprios são merecedores.

A outra, é a academia da relativa isonomia, onde atuam doutores, mas que olham para seus semelhantes que buscam o reconhecimento de um título estrangeiro, como colegas, como cidadãos merecedores de crédito, cômicos que a eles não cabem reavaliarem um trabalho científico defendido em outro país, pois isto avilta a soberania da banca estrangeira e conflita com os mais básicos princípios de respeito acadêmico.

Essa última é a academia onde, por certo, reina a igualdade de direitos e fragiliza-se a (in)competência travestida de poder. Onde os acadêmicos nada receiam, pois crêm na consistência do saber acumulado, e que novos mestres e doutores sempre hão de trazer algo de colaboração acadêmica, científica ou social. São propensos ao debate e ao trabalho coletivo que legitima a verdadeira universidade, colaborando ainda para que o Brasil deixe de ter os insignificantes índices de mestres e doutores por mil habitantes.

Esta é a academia que buscamos, como existente em países mais desenvolvidos. Ainda que possa parecer difícil, por certo há de ser mais fácil do que se acomodar com os absurdos impostos por aquele outro modelo de academia e de profissionais prepotentes que ora vivemos a combater.

Carlos Estephanio

Doutor em Educação

Mestre em Tecnologia

Diretor do Instituto IDEIA

Presidente da ABPÓS MERCOSUL